

UNIFICAÇÃO

Diretor-Responsável:
PAULO ALVES DE GODOY
(D. N. T. 2.777)

Orgão da
UNIAO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO
«U. S. E.»

Secretário:
PROF. APOLO OLIVA FILHO
Conselho de Redação:
DR. LUIZ MONTEIRO DE BARROS
ABEL GLASER

ANO XVIII

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 153.563, em 11-4-1956 e, de acordo com a Lei Federal n.º 2.383, de 12-11-1953, combinada com o Dec. Federal n.º 4.857, de novembro de 1939, sob n.º 1.244, no Cartório do 1.º Ofício da Capital

SÃO PAULO — BRASIL
JUNHO-JULHO DE 1970

Redação:
Rua Maranhão, 404 - C. Postal 3.946
Telefone: 52-6273 - São Paulo - 3 Ns. 207-208

O Trabalho da Comissão Mista

A Comissão Mista USE-FEESP já apresentou à consideração dos respectivos órgãos máximos o resultado do trabalho elaborado, no qual são apresentados, como sugestão, os pontos básicos que poderão servir como ponto de partida para a eventual fusão das duas entidades de cúpula do Espiritismo paulista.

A apresentação ao Conselho Deliberativo Estadual da USE, mereceu apoio quase que unânime, pois, apenas um Conselho Regional Espirita deixou de referendá-lo, em vista de pretender maiores esclarecimentos e desejo estudá-lo sob outros ângulos.

No que tange ao Conselho Deliberativo da FEESP, o resultado foi o mesmo, pois, tanto em sua Comissão Permanente como em seu plenário, a idéia da eventual fusão mereceu apoio unânime. A fim de dar prosseguimento aos estudos, com vista à preparação de um ante-projecto de estatutos, foi organizada uma Comissão Mista composta de dois representantes da Diretoria Executiva e dois do Conselho Deliberativo, com o fito de oferecer subsídios para se formar o arcabouço da nova entidade que resultará da eventual fusão.

As perspectivas são das mais auspiciosas e tudo indica que as arestas que porventura ainda existam serão removidas com vistas à concretização daquêle ideal há tanto tempo acalentado.

Quando da fundação da USE, a tese vencedora no I Congresso Espirita do Estado de S. Paulo propunha a unificação das entidades federativas espíritas em duas fases distintas: a primeira de aspecto espiritual ou doutrinário e a segunda de aspecto material ou administrativo.

Após vinte e três anos de existência da USE, deparamos com o momento histórico quando deva cumprir-se a segunda parte da proposta contida naquela tese, pois a unificação material e administrativa se delineia de forma clara, representando motivo de júbilo para todos os espíritas do Estado de S. Paulo.

A eventual fusão da União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo e da Federação Espirita do Estado de S. Paulo se apresenta viável e altamente desejável por todos aqueles que amam a Doutrina e vêem nessa integração a solução de um grande problema que há muitos anos se apresenta como necessidade impostergável.

OS GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

Jerônimo Ribeiro



Jerônimo Ribeiro era português de nascimento, comerciante abastado, deixou seu torrão natal, por orientação dos espíritos, para fixar-se no Brasil, no início deste século, a lutar pelo ideal espírita.

Radicou-se na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo, desenvolvendo ali uma das mais intensas atividades de que se tem conhecimento.

Médium notável, psicografava mensagens e confabulava com os espíritos, deles recebendo orientações para a sua tarefa de pioneiro.

No desenvolvimento da missão de que se achava investido, encetou numerosas viagens pelo Vale do Paraíba, fazendo conferências e angariando donativos para as crianças e velhinhos desamparados de sua cidade.

Sua vida de abnegação, sua potência mediúnica, e os inúmeros fatos que envolvem o seu apostolado, bem mereciam ser registrados em livro, como lição imorredoura para a posteridade, pois Jerônimo Ribeiro serviu as causas espírita e cristã em tôdas as latitudes, principalmente pelo exemplo vivo e pelas messes de luzes que conseguiu expargir entre os sofrendores e alquebrados do corpo e da alma.

Foi contemporâneo de Anália Franco, com quem iniciou, em S. Paulo, as suas primeiras atividades espíritas.

Sua obra de gigante, até hoje tem o seu reflexo em Cachoeiro de Itapemirim e cidades circunvizinhas, servindo de estímulo para todos aqueles que se servem dos seus exemplos dignificantes para a continuidade e desenvolvimento da obra comum de propagação do Espiritismo.

Desencarnado a 5 de outubro de 1926, é ainda hoje o orientador espiritual das obras daquela cidade, contando com medianeiros abnegados, que se propõem a continuar sua tarefa sacrificial, usando o seu lema: «O trabalho incessante nos dá força permanente.»

O Asilo «Deus, Cristo e Caridade», em Cachoeiro de Itapemirim, ergue-se resolutivo no alto da colina, entre montanhas, protegido pelo Itabira garboso, como a gritar ao Brasil inteiro a obra gigantesca que pode realizar alguém, quando se entrega de coração a Jesus.

Jerônimo Ribeiro era progenitor do nosso confrade Dr. Júlio César Grandi Ribeiro, vice-presidente da Federação Espirita do Estado do Espírito Santo, grande animador do movimento de moços espíritas.

III CURSO INTENSIVO PARA
PREPARAÇÃO DE DIRIGENTES
DE SOCIEDADES ESPIRITAS

*
18 A 25 DE JULHO
FRANCA — SP.

Preço deste exemplar

CR\$ 0,20

Na Evolução

ROQUE JACINTHO

O caminho da evolução é longo.

Inicia-se, porém, na intimidade do próprio ser e estende suas radiais através dos séculos, conduzindo-nos à direção de planos Espirituais Superiores.

É um crescimento gradativo.

Não se realiza aos saltos e nem com interrupções subitâneas e estranhas aos quadros das Leis Naturais. Assim como ninguém atinge a santificação no curso de dias, ninguém permanece estacionado indefinidamente.

Aí o apelo à persistência no campo do Bem.

As hesitações e as quedas, as aspirações e os sonhos nascem e crescem no átrio de nossa consciência pedindo sempre a nossa permanência ativa no plano da Caridade, a fim de que o amor nos possa fazer vencer os horizontes de nossas limitações individuais.

Se não podemos apressar-nos, embora a premência de nossa reforma

intima também não deveremos exigir daqueles que partilham conosco dessa caminhada rumo ao Infinito que, num átimo, se transportem da lama ao Céu.

Eles também contam com o favor do tempo.

Tal qual rogamos a compreensão divina para os nossos desvarios, compreensão que nos aquece na luz da amizade de nossos companheiros terrenos, ofertemos, por nosso lado, aos que nos ofendem ou que se entrecruzam no roteiro de nossa caminhada, a mesma medida de compreensão e carinho que rogamos por nós.

Não poderemos obrigá-los a incorporar, no seu patrimônio íntimo, virtudes que só agora se despontam na nebulosa de nossas paixões, mal feitos ainda dos desequilibrantes propósitos que ainda ontem compunham os quadros de nossos atos cotidianos.

Huminemos os hesitantes, sem impaciência...

Reabilitação da Criança "Excepcional"

NANCY PULMANN DI GIROLAMO

Ninguém, melhor que o espírito, pode se sentir motivado para tão importante colaboração à comunidade humana!

Além da ideologia da Fraternidade — tão imprescindível nos trabalhos em favor do "excepcional" — a Reabilitação encontra, na Doutrina codificada por Allan Kardec, a explicação causal de sua problemática, a esperança e o impulso necessário ao desenvolvimento de seus complexos objetivos.

Tão boas perspectivas se abriram à nossa frente, na experiência diuturna de três anos em estudos, pesquisas e trabalhos de Reabilitação que achamos ser um dever escrevermos a respeito do assunto.

Não por diletantismo pois que nenhum de nós, espíritas, nem quem escreve, nem quem lê, dispomos de tempo para dispersar. O ritmo das horas é o mesmo de sempre mas o movimento das circunstâncias e a passagem das oportunidades é mais intenso que nunca diante do grande, do colossal programa evolutivo que nos compete realizar.

Por isso nós temos vários objetivos abordando esse assunto. Um deles, é o de despertar o interesse da comunidade espírita para o trabalho da integração do excepcional na sociedade humana pois que é um marginalizado, um barrado, um isolado, como veremos adiante.

Outro é o de interessar na reabilitação os jovens estudantes que procuram uma profissão após o curso ginasial ou colegial, pois há uma grande necessidade de técnicos dessa especialidade no Brasil. Aproveitamos para noticiar, que em nosso meio, a Escola de Assistência ao Próximo "Ana Nery" da Instituição Beneficente Nosso Lar, já está dando cursos, de nível superior e médio, de Reabilitação, podendo os interessados pedir informações pelo telefone: 63-86-81.

"Criança Excepcional" é uma expressão que está bastante vulgarizada. O que vem a ser "Criança Excepcional"?

A expressão lembra duas idéias importantes: — Criança (tudo o que significa física, social e espiritualmente um ser renascido para nova experiência na Terra) e excepcional (portador de alguma característica fora do padrão normal, qualitativamente ou quantitativamente). Nota-se que "excepcional" é sentido amplo, e por isso vago. Tanto é "excepcional" a criança com cinco dedos nos pés como a que tem nível mental acima da média em relação à sua idade, o cardíaco, por mal formado congênita, como o surdo, os cegos, o paralisado cerebral ou o vitimado por acidentes vários.

Atualmente há tendências a uma primeira classificação:

O Excepcional, Deficiente físico.

O Excepcional, Deficiente mental.

O Excepcional, Deficiente físico, tem sido melhor compreendido e melhor recuperado em suas possibilidades pois as deficiências corporais já estão bem estudadas e a Fisioterapia já alcançou um nível regular de adiantamento.

Muitas são as técnicas e vários os Centros de Recuperação Física existentes no Brasil, com bons serviços prestados.

O Deficiente Mental, contudo, vem sendo descuidado, em parte porque o cérebro é muitíssimo pouco conhecido, até dos neuro-cirurgiões que já esmiuçaram a estrutura mas que ainda interrogam sobre o cerne do seu mecanismo funcional.

Dizem os estudiosos que este é o século em que o homem foi à lua mas que só no próximo será possível penetrar em si mesmo.

O cérebro, ou melhor, o Sistema Nervoso Central, é fundamental intermediário entre o espírito imortal e a experiência encarnativa, possibilitando a vida humana manifestada e atuante na Terra.

E o que é Reabilitação?

Alguns pensam que Reabilitação é curar mas também não se sabe bem o que é curar pois que a rigor não se poderá dizer que há cura para o que quer que seja na área biológica.

Um operado do estômago (costa-se uma parte, costura-se) ficou reabilitado não propriamente curado. Uma função orgânica reativada com medicação ficou reabilitada mais do que curada.

Daí que reabilitação é, no sentido geral, desenvolver as possibilidades restantes para deixar o indivíduo apto ao exercício das funções necessárias à sua vida normal (ou mais próxima possível da vida normal).

Reflitamos que nossa querida Terra é também um grande Centro de Reabilitação e que nós todos somos "Excepcionais" em relação às leis da Vida Maior — ou abusamos ou não utilizamos ou as desobedecemos, até o quanto nos é permitido no jogo do livre arbítrio versus determinismo. Nossos exercícios de reabilitação, impostos pelas leis de causa e de efeito são, por vezes dolorosos mas sempre eficientes, a curto ou a longo prazo.

O Cristianismo separou a história da Reabilitação em duas partes: — Antes e Depois de — como fez com todos os básicos traços culturais da humanidade em toda a parte da Terra, direta ou indiretamente.

Antes do Cristo, o defeituoso era eliminado sumariamente. Em alguns países o pai tinha o direito de matá-lo ou deixá-lo viver, mas geralmente optava pela primeira alternativa.

Em outros países jogava-se o recém-nato aleijado, do cume de um monte para ser esfacelado pela encosta, onde as pedras eram pontiagudas.

Depois, esfregava-se as mãos no gesto universal de "Serviço Feito" e se dormia tranqüilo.

Na Idade Média os excepcionais eram chamados e tratados como endemoniados. Um grande número morria do tratamento que consistia em surrá-lo até que os demônios os deixassem.

Com Cristo, o meigo Rabi da Galiléia, nasceu o Amor em outra dimensão. Um de seus nascimentos, gerado pelo próprio egoísmo, foi a piedade.

A sombra da influência Cristã, os homens iniciaram a grande transformação. Novos hábitos se sobrepuseram aos poucos sobre os antigos e novas leis se organizaram prefaciando a Era do Amor.

Surgiu a Assistência ao Próximo e dentro dela os excepcionais foram amparados em casas coletivas onde eles eram muitos para alguns poucos que se desdobravam.

Mas, como lembra a parábola evangélica, sempre muito João está ao lado de pouco trigo, ao ponto de confundir-se, principalmente quando é terra a plantação.

Já não se eliminava mas ainda se segregava, se isolava, se desterrava, sobretudo da terra, do coração da família.

A essas duas faces históricas, a da eliminação e a da segregação, vai se sucedendo uma terceira, a da Reabilitação, que por certo, levará à quarta, a da Integração.

A reabilitação surgiu, como paradoxalmente muitas coisas boas, com as guerras mundiais, principalmente a segunda guerra. Surgiu impondo-se como imperativo social pois era preciso reabilitar os feridos para continuar a guerra e reabilitar outros para o restabelecimento do bem estar econômico e social dos povos comprometidos.

Grandes vultos, alguns ainda encarnados (tão nova ela é) lideraram o início da Reabilitação.

Examina-se o que houve, o que restou e a ciência unida à boa vontade planeja o desenvolvimento, a compensação ou a substituição a fim de dar ao ser lesado a oportunidade de lutar com todos os vivos e aproveitar o máximo a experiência na carne.

Mal e mal cresce hoje essa especialidade que é a reabilitação vendendo preconceitos e se impondo lenhamente até mesmo no meio das famílias com o problema presente em seus próprios lares.

Atentemos para o aspecto dinâmico e promocional contido nos objetivos da Reabilitação. Reabilitar, não é assistir apenas, é a utilização de métodos e técnicas científicas para possibilitar o mais amplo desenvolvimento integral do indivíduo.

Nossa última frase, neste artigo, é idêntica à primeira, porque, à luz do Espiritismo, sabemos que as provas que recebemos não são tão somente para que as suportemos mas principalmente para que as superemos.

Daí que... Ninguém, melhor que o espírito, pode se sentir motivado para tão importante colaboração à comunidade humana!

Influência Espírita

Ninguém dá unicamente aquilo que entrega ou cede, a benefício dos semelhantes. Cada criatura, através de leis inalienáveis que governam a vida, é obrigada a dar de si própria, nas situações essenciais do cotidiano, como sejam:

no pensamento;
na palavra;
no gesto;
no lar;
na comunidade;
na profissão;
no trabalho;
na tarefa;
no negócio;
na saúde;
na doença;
na administração;
na subalteridade.

Em ação espírita, somos compreensivelmente chamados a dar todo o apoio material e socorro moral aos irmãos em necessidade, conforme os recursos que usufruamos. Acima de tudo, porém, o espírito é convocado a melhorar a Vida e o Planeta pela cooperação da influência.

Revisemos, pois, dia-a-dia, nossas atitudes pessoais, observando como distribuímos as parcelas espirituais de nós mesmos, seja no que fazemos ou no que somos.

Espiritismo é orientação certa e orientação certa se define como sendo o caminho de auxiliar e o jeito certo de viver.

ALBINO TEIXEIRA

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

Sigamos Além

João de Deus

Não te entregues, meu irmão,
Ao frio da indiferença,
Que o desânimo é doença,
Regelando o coração.
Se há males e dores mil
Que volvem ao corpo, em bando,
Há micróbios atacando
A nossa vida sutil.

Rejara o sol a brilhar,
Sem tristeza e sem fadiga,
Desde o céu à terra amiga,
Nas nuvens, no chão, no mar...
O ninho irradia amor,
A fonte clara desliza,
Serve a chuva, serve a brisa,
Serve o grão e serve a flor...

Levanta-te e segue além!...
Vence a aflicção, vence a prova
Somente quem se renova,
Nas leis do Infinito Bem.
Desalento é negação,
Acorda, avança, porfia!
Serviço de cada dia
É senda de perfeição.

(Médium Francisco Cândido Xavier).

ESPIRITISMO E ECUMENISMO

COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

DEOLINDO AMORIM

Allan Kardec

Fala-se, hoje, por toda parte, em «atitude ecumênica», «linha ecumênica», «relações ecumênicas» e assim por diante. Ecumenismo é, realmente, uma das palavras mais popularizadas no momento. Dão-lhe um sentido tão elástico, tão indeterminado atualmente, que já não se sabe mais até aonde vai sua extensão. Já ouvimos alguém dizer que o Espiritismo, aliás, o movimento espírita precisa ser mais ecumênico, seguindo as pegadas da Igreja Romana. Vamos com calma. O problema da Igreja é da Igreja, não é nosso, e ela deve ter suas razões. Mas a situação não é a mesma, em todos os casos.

Antes de mais nada, não é necessário ser iniciado em assuntos teológicos para saber que ecumênico, pura e simplesmente, quer dizer universal. A semântica moderna deu-lhe, entretanto, uma acepção mais prática ou mais humana, significando entendimento com todos, convivência pacífica, a despeito de todas as divergências doutrinárias. Em teses, evidentemente, o Espiritismo é uma doutrina ecumênica por natureza, uma vez que ensina e consagra o entendimento amplo, o respeito e a tolerância como norma primordial de procedimento, individual e coletivo. Podemos dizer, e sem exagero, que, neste sentido, não há doutrina mais ecumênica do que o Espiritismo.

Há, entretanto, a propósito de ecumenismo, certas aplicações forçadas e, às vezes, algumas distorções. O movimento espírita, segundo penso e sinto, não pode adotar qualquer «linha ecumênica» e enfileirar-se na primeira frente que apareça. Observação e prudência, antes de tudo. O ecumenismo, dentro do contexto atual, é uma disposição de espírito, que a Igreja está adotando como tomada de posição para se adaptar a uma realidade nova. Convém notar, sem perda de tempo, que a Igreja se viu na contingência de modificar sua maneira de ver a vida e o mundo, a fim de não ficar desatualizada ou marginalizada, o que seria ainda pior. Até certo ponto, é um problema de sobrevivência. Antigamente, e vem de todos os tempos, como se sabe, havia a idéia generalizada, dentro e fora dos círculos sacerdotais, de que a Igreja era a detentora exclusiva da verdade. Com esta concepção, que deu motivo a muitos erros e abusos, excomungou-se, perseguiram-se, condenou-se implacavelmente. E' fato histórico, não é lenda. Na suposição de que somente ela possuía a verdade, a Igreja evitou, durante muito tempo, qualquer contacto com outros rebanhos religiosos, mas antes, até procurou tratá-los à grande distância. E muitos de seus fiéis chegavam ao exagero de rejeitar os outros crentes com desprezo ostensivo. Tudo isto foi no passado. Não há instituição humana que não tenha cometido erros, através de suas experiências históricas, ainda mais que muitos desvios do bom caminho correm por conta do elemento humano, nem sempre da corporação a que pertence. Em grande parte, são atitudes individuais. Todos nós, afinal de contas, se pudermos olhar para o passado, pelo fio da reencarnação, teremos muitos erros para corrigir...

Com os novos tempos, porém, e com as descobertas científicas e a expansão tecnológica, naturalmente a Igreja sentiu ou está sentindo, que precisa rever antigas posições e reformar certos conceitos. Imposição dos acontecimentos, é óbvio. Embora o qualificativo católico signifique universal, a Igreja não demonstrou, no uso da História, que possuía, real-

mente, a consciência da universalidade. Não era uma ordem secreta, mas verdade é que se manteve sempre como instituição fechada a comunicações com outras áreas religiosas. Em virtude das mudanças por que está passando o mundo, em consequência, principalmente da II Guerra, natural que a Igreja tome posição diferente, procurando, agora, entender-se com todos — judeus, maometanos, protestantes — e até, em último caso, com os que dizem que não têm crença, pois todos, creiam ou não creiam, são «filhos de Deus». E' um sentido mais amplo de ecumenismo, permitindo ou forçando concessões que, antes, seriam impossíveis, não é verdade?... E' uma política religiosa, que se pode chamar de «boa vizinhança», por necessidade.

A Igreja não tem apenas problemas de fé — e é preciso observar este aspecto — pois é também uma organização de ordem temporal e, por isso, tem problemas políticos. A «linha ecumênica» da Igreja pode ser muito flexível, adaptando-se às circunstâncias de tempo e lugar. O panorama ainda não está muito claro, pois ainda não se sabe, no fundo, o que a Igreja quer, nem ela tem obrigação de nos dizer o que está querendo e para onde vai. Por que, pois, deveria o Espiritismo seguir incondicionalmente as novas tendências da Igreja? Porventura o movimento espírita já não vem praticando o melhor e mais compreensivo espírito ecumênico, convivendo com todos, tolerando todas as crenças, prestando auxílio indistintamente, sem cogitar de credo religioso nem de opinião filosófica, nem de cor, nem de origem racial? Que é isto, senão o verdadeiro ecumenismo, no sentido evangélico do «amai-vos uns aos outros»? Muito antes de se falar em renovação da Igreja, a partir do último Concílio; muito antes de todas essas idéias, que estão surgindo a respeito de movimentos ecumênicos, já o Espiritismo fazia ecumenismo na prática, porque abria as portas a tudo e pregava a tolerância, fraternalmente. Assim mais: o Espiritismo nunca se considerou dono da verdade.

Sob este ponto-de-vista, se é que se entende por ecumenismo o campo livre para o entendimento e a confraternização, acima de todas as divergências, o Espiritismo não tem por que nem tampouco em que se modificar, uma vez que sempre se esforçou para realizar um ecumenismo desinteressado. O que não é possível, porém, é admitir que se faça do ecumenismo um pretexto para o desvirtuamento de valores básicos, colocando o movimento espírita em direções que não combinam com sua verdadeira índole nem se ajustam ao programa fundamental do Espiritismo. E qual é, finalmente, esse programa fundamental: trabalhar, antes de tudo, pela reforma do homem, sem se desinteressar, todavia, do melhoramento da sociedade e das instituições humanas; mas sua consciência de participação no mundo pode muito bem afirmar-se pelo trabalho edificante, sem ser necessário descaracterizar a Doutrina. E como é que se descaracteriza a Doutrina? Simplesmente assim: modificando textos básicos para justificar interesses políticos; aplicando sofismas na interpretação de passagens inequívocas; colocando preocupações transitórias acima de necessidades definitivas; fazendo acomodações do Espiritismo com elementos de culto que não têm o menor cabimento na

Doutrina. Isto não é realmente ecumenismo. Ser ecumênico, no bom sentido, é ser aberto intelectualmente, é ser tolerante, é ter a mentalidade arejada para descobrir o lado bom das coisas em qualquer parte. E é o que o Espiritismo ensina. Ecumenismo é compreensão, não é confusão. Não vamos, pois, levar o ecumenismo a um ponto de perder a noção do bom-senso. Se formos por esse caminho, daqui a algum tempo, teremos missas espíritas, como poderemos ter sessões espíritas com sambas, etc., etc. E' preciso não perder nunca a velha linha mestra do meio-termo. O Espiritismo não pode aderir a qualquer movimento, a qualquer corrente de idéia somente para se tornar ecumênico, isto é, ecumênico no conceito que muita gente resolve dar a esta palavra, tão discutida hoje em dia. Entre as posições extremadas, seja em matéria de fé, seja em que matéria for; entre a agitação e a displicência; entre o radicalismo e a omissão; entre os que se afastam de tudo e os que misturam tudo, o Espiritismo interfere no momento psicológico, não para estimular a improdutividade nem muito menos para incentivar a divisão ou inflamar as paixões, mas necessariamente para estabelecer o ponto de equilíbrio.

(Do «Mundo Espírita», de 28 de fevereiro de 1970).

Porque sou Espírita

CELSE MARTINS

No outro dia, alguém me fez esta pergunta. Como o nosso jornal tem ampla penetração até mesmo no meio não-espírita, vale a pena dar também através dele a resposta.

E' verdade que desde criança o pai e a mãe nos puseram sob os olhos os livros do Consolador levando-me com a mana a todas as reuniões a que comparecessem nos centros Espíritas de Nova Iguaçu (Est. do Rio). Todavia, rapazola, passei a estudar a Terceira Revelação, estudo este que até hoje, adulto, prosseguo fazendo, pois em matéria de Espiritismo também é válida a frase que diz ser a vida breve e a arte longa. Muito tenho a aprender na Doutrina dos Espíritos.

Foi este estudo que me vem rangando desde então os mais amplos horizontes para dilatação da minha acañada visão espiritual.

Antes de tudo a Doutrina me mostrou a existência soberana de um Deus que é realmente Pai, Amoroso e Bom, infinito em todas as suas perfeições, Criador de tudo... E não um padrao com as mesmas virtudes e paixões humanas criando um céu eterno, para uns e um inferno também eterno para outros!...

Depois esclareceu-me quanto ao ser cada um de nós não este corpo de carne e osso (no meu caso, menos de carne do que de osso). Mas um espírito imortal que evolui para a Perfeição através das múltiplas encarnações ou na Terra ou nos diferentes mundos habitados do Universo sem lides!...

Ensinou-me ainda a existência de leis físicas para o plano material tanto como leis morais regendo os destinos dos espíritos. Fez-me ver que, assim sendo, tudo tem a sua razão de ser. Que cada um de nós é responsável dos seus atos. Que cada criatura recebe aquilo que dá. Colhe o que semeia. Será feliz se for boa.

Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame sério. Pelo ardor com que se combate nesse sentido é fácil deduzir o grande interesse ligado ao assunto. Daí a insistência. Em vendo esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que delas se aterrorizam.

O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretezem obscurecer, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, a par das verdadeiras condições para nele serem felizes ou desgraçados. A razão deve ser a mesma por que se diz à criança: — «Não vá lá, que há lobisomens». Ao homem dizem: — «Não chameis os Espíritos: — São o diabo». — Não importa, porém: — impedem os homens de os evocar, mas não poderão impedi-los de vir aos homens para levantar a lâmpada de sob o alqueire.

O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que temer da luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio nada pode contra esta. — («O Céu e o Inferno»)

Infeliz, se for má. Mas que um dia aquele que é mau, porque é ignorante, se esclarece e, passando a ser menos mau — passa a ser menos infeliz!...

E mais, o Espiritismo me elucidou a questão da mediunidade. Passando a conhecer mais de perto os trabalhos mediúnicos, sob orientação Kardequiana, e, portanto, trabalhos mediúnicos voltados para a Caridade — entrevi a possibilidade de os encarnados entrarem em contato com os desencarnados a fim de que ambos lucrassem com a troca de experiência.

Tirante isto, a mediunidade que me forneceu elementos para compreender melhor certas situações de criaturas sob influência perniciosas de obsessores tanto como me tranqüilizou mostrando como o plano espiritual nos pode proteger se para tanto fizermos jus.

Por fim, o Espiritismo apontou-me Jesus!

Sim eu poderia vir a conhecê-lo através de outras religiões. E tê-lo-ia como meu Salvador. Poderia conhecê-lo até mesmo através de correntes filosóficas, referências literárias, temas artísticos ou dos testemunhos da História. E vê-lo-ia como um visionário! Ou um mártir nas mãos de homens impiedosos! Ou então um revolucionário sacrificado pelos que se viram ameaçados por suas idéias!

Mas com o Espiritismo eu o vejo como sendo o maior espírito jamais baixado à Terra com a sublime missão de arrancar o homem do escuro pantano das paixões onde se atola para os esplendores do céu interior. É isto mediante o estudo da Verdade e a prática do Amor. Daí os seus ensinamentos e os seus exemplos.

Bastava-me apenas isto se apenas isto me oferecesse a Doutrina querida codificada por Kardec!

Centro Espírita do Itaim

Inscrito no Serviço Social do Estado sob n.º — Inscrito no MF — C. G. C. n.º 62.697.727/001

RUA LEOPOLDO C. MAGALHÃES, 696 — ITAIM — SÃO PAULO

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969

ATIVO			PASSIVO		
DISPONIVEL	NCr\$	NCr\$	NÃO EXIGIVEL	NCr\$	NCr\$
Bancos, C/ Movimento	4.196,74		PATRIMÔNIO		
Caixa	14,60	4.211,34	Patrimônio Líquido		
REALIZAVEL			Saldo anterior	34.366,40	
Comissão de Obras	14,04		Incorporados neste exercício	66.798,86	101.165,26
Contas a Receber	317,72		CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
Estoque de Espécies	4.864,83		Endossos para Cobrança	11.837,11	
Estoque de Mantimentos	606,07				
Estoque de Medicamentos	3.483,07				
Estoque de Roupas e Calçados	2.017,34				
Títulos a Receber	11.837,11	23.140,79			
IMOBILIZADO					
DEPARTAMENTO DE CULTURA					
Biblioteca	193,94				
Escola de Evangelização da Criança	474,17				
Empréstimo Eletrobrás	34,17				
Imóveis	9.021,45				
Instalações	374,75				
Móveis e Utensílios	4.410,19				
Correção Monetária	59.052,86	73.561,53			
CONTAS DE RESULTADO PENDENTE					
Obras em Construção		251,60			
CONTAS DE COMPENSAÇÃO					
Bancos, C/ Cobrança	11.837,11				
SOMAS	11.837,11	101.165,26	SOMAS	11.837,11	101.165,26

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "VARIAÇÕES PATRIMONIAIS" EM 31 DE DEZEMBRO DE 1969

CRÉDITO			DÉBITO		
DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA, C/ Exercício	NCr\$	NCr\$	DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA, C/ Exercício	NCr\$	NCr\$
DONATIVOS RECEBIDOS			Assistência médica	3.591,00	
Em dinheiro	3.054,16		Assistência mensal à necessitados	6.739,06	
Em espécies	2.096,90		Assistência odontológica	3.314,40	
Em mantimentos	1.636,93		Conserto de roupas e calçados	320,10	
Em medicamentos	2.133,56		Corte de cabelos e outros serviços	19,50	
Em móveis e utensílios	107,00		Material de escritório e expediente	79,20	
Em roupas e calçados	2.997,82		Material p/ o depto. médico e odontológico	591,25	
Em serviços diversos	7.065,04	19.141,41	Medicamentos e remédios fornecidos	1.362,93	
DONATIVOS RECEBIDOS, C/ Exercício			Medicamentos inutilizados por prescrição	638,00	
Em dinheiro		365,68	Serviços de ambulatório	60,54	
FESTIVIDADES, C/ Exercício			Sopas, lanches e café à necessitados	840,72	17.556,70
Resultado líquido		4.577,84	DONATIVOS CONCEDIDOS, C/ Exercício		200,00
QUADRO SOCIAL, C/ Exercício			GASTOS GERAIS		
Contribuição dos associados		1.233,70	Água, luz e gás	336,86	
RENDAS DIVERSAS			Condução e transportes	55,95	
Comissão s/ venda de livros e jornais	156,73		Conservação e limpeza	904,14	
Correção monetária e juros obtidos	2.277,49	2.434,22	Contribuição à 18.ª UDE	68,00	
SUB-TOTAL		27.757,85	Despesas bancárias	18,58	
CORREÇÃO MONETÁRIA DO ATIVO			Impostos e taxas	297,25	
IMOBILIZADO			Impressos e papéis	45,00	
Resultado líquido apurado	59.052,86		Material de escritório e expediente	367,12	
TOTAL		86.810,71	Material de consumo e perecível	134,70	
			Reparos e conservação	27,55	2.255,15
			SUB-TOTAL		20.011,85
			CORREÇÃO MONETÁRIA DO ATIVO		
			IMOBILIZADO		
			Resultado líquido apurado	59.052,86	
			SUPERAVIT DO EXERCÍCIO DE 1969		
			Incorporado ao patrimônio social	7.746,00	66.798,86
			TOTAL		86.810,71

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Archimedes Pedro Ghirello
 Vice-Presidente: Ignácio Giovine
 1.º Secretário: Nilza Antunes de Lemos
 2.º Secretário: Dr. Paulo da Costa Pereira
 1.º Tesoureiro: Wilson Onofre da Silva
 2.º Tesoureiro: Ronaldo Hugo Pellicciotti
 Consultor Jurídico: Dr. Raul Renato Cardoso de Melo Tucunduva

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Dr. Roberto Iovini
 Secretário: Orlick Fontes
 Flór Baraldi Dias
 Contador
 Reg. 77.939 — C.R.C. Sp. 13.117

Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita

(Conclusão do número anterior)

6.0) — Espiritismo e Cristianismo

A Doutrina Espírita, a codificação Kardeciana, nasceu ligada à doutrina cristã. Quem não-lo afirma são os próprios Espíritos do Senhor que revelaram a Doutrina e o seu próprio codificador, Allan Kardec.

Já no Evangelho segundo João, fazia-se referência à vinda futura do «Espírito Verdade», do «Espírito Consolador».

São os Espíritos que afirmam estarem incumbidos de preparar o reino do Bem que Jesus anunciou, apresentando o Mestre como paradigma de perfeição.

Em «Obras Póstumas», lê-se: «Aproxima-se a hora em que deverás abertamente declarar o que é o Espiritismo e mostrar a todos onde está a verdadeira Doutrina ensinada pelo Cristo; aproxima-se a hora em que, à face do céu e da terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição verdadeiramente cristã, a única instituição realmente divina e humana». Estas expressões foram recebidas por Kardec quando ele compunha «O Evangelho Segundo o Espiritismo».

Depois da publicação de «O Livro dos Médiuns», todo o trabalho da Codificação, previamente planejado, se destinou à emancipação, ao restabelecimento e à complementação da doutrina de Jesus, já trabalhada pelo jóio dos homens.

Em «O Evangelho Segundo o Espiritismo», diz Kardec que a Doutrina Espírita «vem dar cumprimento, nos tempos preditos, ao que o Cristo anunciou e também preparar o cumprimento das coisas futuras. Representa, pois a obra do Cristo por Ele mesmo presidida, conforme afirmou, para a regeneração que se opera, e prepara na Terra o Reino de Deus».

É ainda Kardec quem denomina o movimento espírita de «Terceira Revelação», com vistas às doutrinas de Jesus e de Moisés. É ele que nos diz ter o Espiritismo todas as características do «Consolador» prometido por Jesus. É ainda o Codificador quem afirma que «o verdadeiro espírita é o espírita cristão».

Se fôssemos pormenorizar as estreitas e indissolúveis relações que ligam o movimento espírita de hoje ao movimento cristão de há dois mil anos, teríamos que compor um verdadeiro tratado sobre o assunto.

No que concerne à tese aqui defendida, de que a Doutrina Espírita é também religião, convém lembrar que o Cristianismo, com ou sem razão, é considerado pela Humanidade atual como Religião.

Por que então retirar do Espiritismo esta característica quando, na Palavra dos Espíritos e na de Kardec, uma doutrina contínua, restabelece e complementa adequadamente a outra, originando-se ambas da mesma fonte?

Se a primeira e a segunda revelações apontadas por Kardec são Religiões, por que a terceira não há de ser? Eis aí mais uma razão para se considerar o Espiritismo também como Religião.

7.0) — Kardec e o Espiritismo também como Religião

Por fim devemos considerar as expressões de Kardec contrárias à concepção do Espiritismo como Religião.

Para tanto é preciso estudar a época em que foi feita a Codificação, época de completo domínio do catolicismo na França. Para ser publicado, «O Livro dos Espíritos», passou pelo «imprimatur» de dois sacerdotes; declarar o compêndio religioso seria sufocar a revelação no seu aparecimento, quer porque a doutrina seria interpretada no sentido material e exterior de Religião organizada.

Segundo o histórico do Espiritismo revelado no jornal da USE, «Unificação», pelo Dr. Canuto Abreu, o primeiro nome que ocorreu a Kardec para «O Livro dos Espíritos» foi, «A Religião dos Espíritos». Acontece que os Espíritos do Senhor sugeriram ao Codificador não usar esse título, e isso por duas razões,

1.0) Porque ele (o livro), não passaria e não poderia ser editado e difundido.

2.0) Porque aquele livro não representava ainda a «Religião dos Espíritos» e, sim apenas o primeiro capítulo da Religião dos Espíritos. Foi então que Kardec adotou o título atual de «O Livro dos Espíritos», e, o fez por duas razões principais, a saber:

a) Porque ele era dos Espíritos.

b) Porque ele versava sobre os problemas do Espírito.

No prefácio de (Religião dos Espíritos), Emmanuel confirma essa revelação feita pelo Dr. Canuto Abreu. Assim termina Emmanuel o prefácio do referido compêndio recebido mediunicamente por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira:

«E, aguardando por essa contribuição, na sementeira da fé viva, cremos poder afirmar, com o título desse volume, que o primeiro livro da Codificação Kardequiana é manancial tão rico de valores morais para o caminho humano que bem pode ser considerado não apenas como Revelação da Esfera Superior, mas igualmente como primeiro marco da Religião dos Espíritos em base de sabedoria e amor, a refletir o Evangelho, sob a inspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo».

O estudo do histórico do Espiritismo feito através das revelações mais íntimas contidas em «Obras Póstumas», revela que houve evolução nítida na integração de Kardec ao movimento renovador por ele mesmo codificado, evoluindo progressivamente, como é natural, o conceito que ele próprio fa-

zia da Doutrina Espírita e das características do Espírito.

Em «Obras Póstumas», lê-se: «Hoje, que estão fixados todos os pontos da Doutrina e os deveres dos verdadeiros adeptos, a qualidade de espírita, já pode ter um caráter definitivo...» A crença no Espiritismo não mais será uma simples aquiescência, às vezes parcial, uma ideia vaga, mas uma adesão motivada, com conhecimento de causa... «Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, que tem todo homem de completar, como entende a obra que começou, o de ser juiz da oportunidade. Desde que a todos resta a liberdade de aderir ou não, ninguém pode queixar-se de sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra «espiritismo», para as necessidades da causa e temos o direito de lhe determinar as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita».

A essa altura pois, é o próprio Codificador quem derroga certas afirmativas autênticas, como esta de «O que é o Espiritismo».

«Seu verdadeiro caráter, (o de espírita) é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova disso é que ele conta, entre seus adeptos, homens de todas as crenças que, por esse fato, não renunciaram às suas convicções». No fim da Codificação, para Kardec o espírita tem características próprias e não pode ser um católico, nem muçulmano, senão espírita mesmo.

Foi exatamente no seu último discurso, no dia dos mortos, em 1868, cerca de cinco meses antes de seu desencarne, que Kardec declarou:

«O laço estabelecido por uma religião, seja qual for seu objetivo, é portanto um elo essencialmente moral que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente o fato de compromissos materiais que se rompem a vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse elo moral é estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de opiniões e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. E' nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família. Se assim é dirão o espiritismo então é uma religião, e nós nos ufanamos disso, porque ele é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e de comunhão do pensamento, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as leis da própria Natureza; por que então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Por isso que só temos uma palavra para definir duas ideias diferentes e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; revela exclusivamente uma ideia de forma e o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios. O público não o separaria das ideias de misticismo, e dos abusos contra os quais sua opinião tem se levantado tantas vezes. Não possuindo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se com um título sobre o valor do qual inevitavelmente se estabeleceria a incompreensão; eis porque ele se diz simplesmente: doutrina filosófica e moral».

«As reuniões espíritas podem ser realizadas, pois, religiosamente, isto é com recolhimento e o respeito que comporta a Natureza austera dos assuntos de que nela se tratam; podem mesmo fazer-se em ocasião oportuna, orações que, em vez de serem ditas em particular, são feitas em comum, sem serem por isso o que se entende por assembleias religiosas. Não se julgue que isso seja simples jogo de palavras; o matiz é perfeitamente claro e a aparente confusão vem da falta de uma palavra para cada ideia».

Qual a aparente confusão referida por Kardec? E' esta:

O Espiritismo é ou não é, realmente religião? A resposta, o raciocínio que aclara essa confusão está nas próprias palavras do Codificador: Na conceituação popular de Religião o Espiritismo não é religião (porque não tem as formalismos, as liturgias, as exterioridades, a hierarquia sacerdotal, a aceitação cega de princípios ou dogmas) mas «do ponto de vista filosófico o Espiritismo é religião» (porque é um «elo essencialmente moral que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações» e porque tem como efeito «estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de opiniões e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas».

Nessa base de esclarecimento do assunto se devem estudar as expressões anteriores em que Kardec afirmava não ser o Espiritismo uma Religião. Agora, depois dessa declaração feita em novembro de 1868, percebe-se claro o sentido daquelas outras expressões emitidas, principalmente em «O que é o Espiritismo» tais como: «Ele (o espiritismo) é uma ciência de observação que, repito, tem consequências morais que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da Religião; quanto às questões secundárias ele as abandona à consciência de cada um... Qual o maior inimigo da Religião? O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma; não é mais pela fé cega que se diz aos materialistas que nem tudo se acaba com o corpo, é pelos fatos que se lhes mostram visíveis e palpáveis. Não será isso um pequeno serviço prestado à Humanidade e à Religião?»

«Porém, não é tudo ainda: a certeza da vida futura, o quadro vivo daquelas que nos precederam nela, mostram a necessidade do bem e as consequências inevitáveis do mal. Eis porque, sem ser uma religião, o Espiritismo prende-se essencialmente às ideias religiosas, desenvolvendo-as naquelas que não a possuem, fortalecendo-as naquelas que as têm incertas»...

«Os espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável pelos seus atos, remunerado ou punido...» colocam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e a seguinte regra sublime ensinada pelo Cristo: fazer aos outros como queremos que nos seja feito. Não são estes os fundamentos da Religião? Ora, se o Espiritismo é a «complementação e a prova dos grandes princípios da religião; se ele enfrenta e anula o maior inimigo da religião, que é o materialismo; se ele se prende essencialmente às ideias religiosas, desenvolvendo-as naquelas que as não possuem e fortalecendo-as naquelas que as têm incertas; e se os seus ensinamentos fundamentais acerca de Deus, da sobrevivência, da vida futura e da necessidade de praticar o Bem se confundem com os próprios fundamentos da religião, como então entendermos esse aglomerado harmônico de ensinamentos e de pontos de vista do Codificador,

afastando da 3.a Revelação o aspecto de Religião? Para harmonizar as idéias, os conceitos, refere-se então, em novembro de 1868 o próprio Kardec ao assunto, esclarecendo que a aparente confusão redonda única e exclusivamente, não da essência da Doutrina, mas do sentido que se dá ao vocábulo Religião; se se aplicar a este vocábulo o sentido popular, habitual nas massas humanas, então o Espiritismo não é Religião; mas se aplicarmos ao vocábulo referido o sentido filosófico dele, então o Espiritismo é Religião.

Ora, evidentemente o que nos deve interessar, em assunto de tamanha transcendência, é o sentido filosófico e não o popular, mesmo porque as massas no mundo atrasado de «provas e expiações», ainda se caracterizam essencialmente pela ignorância e pelo imediatismo de suas aquisições.

O Espiritismo, buscando a Causa da Vida no Criador do Universo e a causa dos eventos humanos de hoje nas encarnações anteriores, firma-se como filosofia. Portanto os conceitos que nos devem interessar e nortear serão sempre os «filosóficos» e não os populares, tôdas as vezes que eles não coincidirem.

Se «do ponto de vista filosófico o Espiritismo é religião», evidentemente o substantivo ou o adjetivo relacionado com Religião devem estar sempre presentes na conceituação da Terceira Revelação; assim variando com o pendur intimo de cada um, trazido das vidas passadas, poderíamos afirmar que o Espiritismo é uma filosofia religiosa, uma ciência religiosa, uma religião científica ou uma filosofia religiosa de base científica.

A característica porém, de religiosa ou de religião deverá estar sempre presente, pois ela reflete ao mesmo tempo a essência do conteúdo doutrinário e a cúpula ou meta a ser atingida.

Afastar, pois, o significado filosófico de Religião do movimento espírita inaugurado com o advento do Espiritismo é desfigurar a essência da própria doutrina e transviar os homens da meta para que ele nos foi revelado e codificado.

Este conceito do Codificador acerca do caráter religioso da Terceira Revelação é por ele mesmo reafirmado em sua primeira mensagem mediúnica, depois de seu desencarne, mensagem recebida em novembro de 1869 em que ele afirma que o Espiritismo «não é uma Religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templo e entre seus adeptos nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou papa».

Veja-se, pois, que o Espiritismo não é «Religião Constituída»; retira-se o adjetivo «constituída»; e é religião, religião em «Espírito e Verdade».

Demais, não nos esqueçamos de que Kardec afirmava que «cada um pode formar de suas opiniões uma religião».

E' o próprio Codificador que nos transcreve os postulados essenciais da Religião do Espiritismo:

- «Crer em um Deus, Todo Poderoso, soberanamente justo e bom;
- «Crer na alma e na sua imortalidade;
- na preexistência da alma e
- na pluralidade das existências como meio de expiação, reparação e adiantamento intelectual e moral;
- na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos;
- na felicidade crescente com a Perfeição;
- na remuneração equitativa do bem e do mal, segundo o princípio: «A cada um segundo suas obras»;
- na igualdade da justiça para todos sem exceções, favores nem privilégios para criatura alguma;
- na duração da expiação limitada à imperfeição;
- no livre arbítrio do homem deixando-lhe a escolha entre o bem e o mal;
- crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, na solidariedade que liga todos os entes passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados;
- considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do espírito, que é eterna;
- aceitar corajosamente as provas, visto ser o futuro mais desejável que o presente;
- praticar a caridade por pensamento, palavras e obras na mais ampla aceção do vocábulo;
- esforçar-se cada dia por ser melhor do que na véspera, extirpando-se da alma alguma imperfeição;
- submeter tôdas as suas crenças ao contróle do livre exame e da razão, e nada aceitar por uma fé cega;
- respeitar tôdas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam ou não;
- violentar a consciência de ninguém; ou, enfim,
- ver nas descobertas da Ciência a revelação das leis da Natureza que são as leis de Deus: eis o CREDITO, a RELIGIÃO do ESPIRITISMO, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com tôdas as maneiras de adorar a Deus. Esse é o laço que deve unir todos os espíritas numa Santa Comunhão de Pensamentos, enquanto se espera que ele ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal».

«Vemos no Espiritismo a imagem de um tripé tendo, em cada base, a Ciência, a Filosofia e a Religião, encimado por Deus. Se quisermos fazer espírita apenas científico ou filosófico, o tripé perde o equilíbrio. Cai. Não oferece segurança. Temos de realizá-lo no triplice aspecto».

«Com a Ciência esclareceremos as inteligências, explicando os fenômenos. Com a Filosofia, descortinaremos os porquês da vida que atormentam os espíritas nas suas perquirições. Com a Religião, estudando, sentindo e exemplificando os belos ensinamentos evangélicos, descobriremos os encantos da parte moral conquistando as virtudes positivas. Exornam elas a alma e abrem as portas do entendimento para a renúncia, a tolerância, o espírito de sacrifício, o respeito ao próximo, o amor ao semelhante, o acatamento à idéia alheia».

E' como dizia e pensava Farias Brito:

«A religião, a filosofia e a ciência não são etapas na evolução do pensamento que se sucedem, excluindo-se, à maneira da lei dos três estados de Comte. São manifestações vivas do Espírito, necessariamente coexistentes, por corresponderem a aspectos fundamentais e indispensáveis da atividade espírita».

BIBLIOGRAFIA

- 1) Religião (Carlos Imbassahy).
- 2) Religião (Carlos Imbassahy).
- 3) Obras Póstumas.
- 4) O Espiritismo é a Religião (Noraldino de Mello Castro).
- 5) O Espiritismo é a Religião (Jornal «Unificação», fev. de 1962).
- 6) Obras Póstumas.
- 7) O que é o Espiritismo.
- 8) «Reformador» (outubro de 1949).
- 9) O Espiritismo é a Religião (Noraldino de Mello Castro), jornal «Unificação», fev. de 1962.
- 10) O Espiritismo é a Religião (Noraldino de Mello Castro), jornal «Unificação», fev. de 1962.

REFERÊNCIAS DE ALLAN KARDEC OU DE EXPRESSÕES CONTIDAS NA CODIFICAÇÃO

- 1) «Não haverá diversas religiões, nem há necessidade senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados... Rivai a tua missão é esta». Obras Póstumas — segunda parte. Primeira Revelação de minha missão. Pág. 289 da 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 2) O Espiritismo constituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direta a Deus». Obras Póstumas — segunda parte. Futuro do Espiritismo. Pág. 314 da 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 3) «Com esta obra o edifício começa a destacar-se e já se lhe pode entrever a cúpula, desenhando-se no horizontes». Obras Póstumas — segunda parte. Imitação do Evangelho. Pág. 326 da 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 4) «O espírito verdadeiro é o espírito cristão». Livro dos Médiuns, cap. 1 — Do método no 28, Pág. 34, 12.a edição da FEB, tradução de Guillon Ribeiro.
- 5) «Estamos incumbidos de preparar o reino do Bem que Jesus anunciou». Livro dos Espíritos, terceira parte. Das Leis Morais. Pergunta 627, 17.a edição da FEB, tradução de Guillon Ribeiro.
- 6) «Aproxima-se a hora em que devereis declarar abertamente o que é o Espiritismo...». Obras Póstumas, segunda parte. Imitação do Evangelho. Pág. 324, 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 7) «O Espiritismo vem dar cumprimento, nos termos preditos, ao que o Cristo anunciou e também preparar o cumprimento das coisas futuras. Representa, pois, a obra do Cristo, por Ele mesmo presidida, conforme afirmou para a regeneração que se opera, e prepara na Terra o reino de Deus». O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 1. O Espiritismo, no 7, pág. 5, 20.a edição da FEB, tradução de Antônio Lima.
- 8) Hoje, que estão fixados todos os pontos da Doutrina e os deveres dos verdadeiros adeptos, a qualidade de espírita já pode ter um caráter definitivo». Obras Póstumas, segunda parte. Constituição do Espiritismo, do Programa das Crenças, pág. 394, 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 9) «A crença no Espiritismo não mais será uma simples aquiescência, às vezes parcial, a uma idéia vaga, mas uma adesão motivada, com conhecimento de causa». Obras Póstumas, Constituição do Espiritismo, do Programa das Crenças, pág. 394, 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 10) «Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum que tem todo homem de completar, como entende, a obra que começou...». Obras Póstumas, segunda parte, Constituição do Espiritismo, Allan Kardec e a nova constituição, pág. 408, 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 11) «Seu verdadeiro caráter é pois o de uma ciência e não o de uma religião e a prova disso é que ele conta, entre seus adeptos, homens de tôdas as crenças que, por esse fato, não renunciam às suas convicções». O que é o Espiritismo, 3.o diálogo, O Padre, pág. 101, 7.a edição da FEB.
- 12) «Ele (o espiritismo) é uma ciência de observação que, repito, tem consequências morais que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da Religião». O que é o Espiritismo, 3.o diálogo, O Padre, pág. 107, 1.a edição da FEB.
- 13) «Qual o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialista não crê em coisa alguma...». O que é o Espiritismo, 8.o diálogo, O Padre, pág. 121, 7.a edição da FEB.
- 14) «Os espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom». O que é o Espiritismo, 3.o diálogo, O Padre, pág. 99, 7.a edição da FEB.
- 15) «O espiritismo não é uma religião constituída, visto não ter culto, nem rito, nem templo, e entre os seus adeptos nenhum tomou nem recebeu o título de sacerdote ou papa». Obras Póstumas, 1.a parte, Os desertores, pág. 271, 7.a edição da FEB, tradução de Max (Bezerra de Menezes).
- 16) «Cada um pode formar de suas opiniões uma religião». O que é o Espiritismo, 3.o diálogo, O Padre, pág. 102, 7.a edição da FEB.

III CURSO INTENSIVO PARA PREPARAÇÃO DE DIRIGENTES DE MOCIDADES ESPÍRITAS

FRANCA — SP.

15 a 25 de julho de 1970

MOEDA, DEUS TE ABENÇOE RUMO CERTO

AUTA DE SOUZA

Deus te abençoe o santo itinerário,
No trabalho criador,
Moeda que te apuras no salário
De resgate ao suor.

Deus te guarde moeda, amiga e boa,
Onde possa encontrar-te,
Por alimento, estímulo e coroa
Para as vitórias da arte.

Deus te ampare, moeda dividida,
Entre os dons da palavra e os laureis da leitura,
Onde exaltes a paz, o amor e a vida,
Ao clarão da cultura.

Deus te engrandeça, moeda pequenina,
Que te fizeste pão
No impulso da bondade que te ensina
Suprimir a aflição.

Deus te louve, moeda transformada
Em divina fragrância
De alegria e de apoio, estrada a estrada,
Ao coração da infância.

Deus te abençoe, moeda que fulgura
Como beijo de aurora,
Nas mãos enregeladas de amargura
Da velhice que chora.

Deus te enobreça, moeda humilde e bela,
Dada espontaneamente
Ao braço fraternal que se desvela
No socorro ao doente.

No júbilo incessante que te agita
Quando o bem te conduz,
Moeda generosa sê bendita
Em teu giro de luz.

(Médium Francisco Cândido Xavier).

Federação Espírita do Estado de São Paulo

Em Assembléia Geral realizada no dia 1.º de maio de 1970, foi renovado um terço do Conselho Deliberativo da FEESP, e o seu quadro de suplentes de conselheiros. O Conselho, reunindo-se, por sua vez, em 14 de maio, elegeu a nova Diretoria Executiva.

Deste modo, é o seguinte o novo quadro diretivo daquela tradicional entidade espírita:

DIRETORIA EXECUTIVA (Eleita por unanimidade)

Presidente — Carlos Jordão da Silva, 1.º Vice-Presidente — Dr. Luiz Monteiro de Barros, 2.º Vice-Presidente — Octávio Antônio Ziliotto, Secretário-Geral — Reynaldo Soares Pinheiro, 1.º Secretário — Apolo Oliva Filho, 2.º Secretário — Jofre da Cunha Baptista, Tesoureiro Geral — Waldomiro Ribeiro dos Santos, 1.º Tesoureiro — Carlos Dias, 2.º Tesoureiro — Luiz Rodrigues da Cruz, Secretários de Área: Assistência Espiritual — José Coutinho da Silva, Assistência Social — José Gonçalves Pereira, Ensino — Edson Leonis, Expansão Cultural e Social — Dr. Rino Curti, Divulgação — Pedro Jacintho, Orientação Infância-Juvenil — Fábio Dutra.

CONSELHO DELIBERATIVO

Conselheiros com mandato de 9 anos — Dr. Ary Lex, Carlos Dias, Carlos Jordão da Silva, Dr. Jacques Conchon, José Gonçalves Pereira, Dr. Luiz Monteiro de Barros, Manoel Laert Dias, Manoel São Marcos, Osávia Braz Leonis, Paulo Alves de Godoy, Syro Dirani e Teodoro Lauzi Sacco.

Conselheiros com mandato de 6 anos — Fábio Dutra, Jofre da Cunha Baptista, José Coutinho da Silva, Júlio Candelas Coroa, Dr. Ney Prieto Perez, Otávio A. Ziliotto, Pedro Jacintho, Reynaldo Soares Pinheiro, Samuel Angarita da Silva, Waldomiro Ribeiro dos Santos e Waldyr de Oliveira.

Conselheiros com mandato de 3 anos — Alvinia Gonçalves Dutra, Apolo Oliva Filho, Carl Eduard Basse, Eder Favaro, Edison Leonis, Elba Maria Ramos Pereira, João Bovino, Luiz Rodrigues da Cruz, Milton Jardim, Dr. Rino Curti, Ruy de Souza Franco e Waldemar Pedro Teixeira.

CLÓVIS MOREIRA SÉLLES

Desencarnou, na cidade de Taubaté, na madrugada de 24 de maio, o nosso companheiro Clóvis Moreira Sélles, elemento de primeira linha do movimento espírita no Vale do Paraíba.

O sepultamento do seu corpo ocorreu no dia 24, tendo o nosso confrade Prof. Emílio Manso Vieira, representante da USE e o 4.º Conselho Regional Espírita, discorrido em torno da personalidade inconfundível daquele seareiro, apologando a sua tarefa em favor do movimento de unificação dos espíritas.

A União das Sociedades Espíritas do Estado de S. Paulo, através do seu órgão «Unificação», reitera os mais acendrados votos a Jesus, para que o espírito dinâmico daquele nosso confrade continue, no plano espiritual, a tarefa iniciada na Terra com tanta proficiência.

III CONGRESSO EDUCACIONAL ESPÍRITA PAULISTA
23 a 26 de julho de 1970 — São Paulo

Necessitados Díficeis

Em muitas circunstâncias, na Terra, interpretamos as horas escuras como sendo unicamente aquelas em que a aflição nos atenua a existência, em forma de tristeza, abandono, enfermidade, privação...

O espírito, porém, sabe que subsistem outras, piores talvez...

Não ignoram que aparecem dias mascarados de felicidade aparente, em que o sentimento anestesiado pela ilusão se rende à sombra.

Tempos em que os companheiros enganados se julgam certos...

Ocasões em que os irmãos saciados de reconforto sentem fome de luz e não sabem disso...

Nem sempre estarão eles na berlinda, guiados à evidência pública ou social, sob sentenças exprobatórias ou incensolouvaminheiro da multidão...

As vezes, renteiam conosco em casa ou na vizinhança, no trabalho ou no tudo, no roteiro ou no ideal... O espírito consciente reconheça que são eles os necessitados díficeis das horas escuras. Em muitos lances da estrada, vê-se obrigado a comungar-lhes a presença, a partilhar-lhes a atividade, a ouvi-los e a obedecê-los, até o ponto em que o dever funcional ou o compromisso doméstico lhe preceituem determinadas obrigações.

Entretanto, observa que para lhes ser útil, não lhe será lícito efetivamente aplaudi-los, à maneira do caçador que finge ternura à frente da presa, a fim de esmagá-la com mais segurança.

Como, porém, exercer a solidariedade, diante deles? — perguntarás. Como menosprezá-los se carecem de apoio?

Precisamos, no entanto, verificar que, em muitos requisitos do concurso real, socorrer não será sorrir. Todos conseguimos doar cooperação fraternal aos necessitados díficeis das horas escuras, seja silenciando ou clareando situações, nas medidas do entendimento evangélico, sem destruir-lhes a possibilidade de aprender, crescer, melhorar e servir, aproveitando os talentos da vida, no encargo que desempenham e na tarefa que o Mestre lhes confiou. Mesmo quando se nos façam adversários gratuitos, podemos auxiliá-los...

Jesus não nos recomendou festejar os que nos apedrejam a consciência tranqüila e nem nos ensinou a arrastá-los. Mas, ciente de que não nos é possível concordar com eles e nem tampouco odiá-los, exortou-nos claramente: «amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem e caluniam!...»

E' assim que a todos os necessitados díficeis das horas escuras, aos quais não nos é facultado estender os braços de pronto, podemos amar em espírito, amparando-lhes o caminho, através da oração.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

União Municipal Espírita de São Carlos

Em reunião extraordinária realizada na sede da Sociedade Espírita Obreiros do Bem (Rua Padre Teixeira, 1.806), em São Carlos (SP), foi eleita a nova diretoria da UMESC, composta como se segue: Presidente — Nilson Gandolfi, Vice-Presidente — Antônio Almeida Silva Filho, 1.º Secretário — Irineu Martins Cunha, 2.º Secretário — Maria José Lercio Martins Cunha, 1.º Tesoureiro — Jorge Frederico Moltzeim, 2.º Tesoureiro — Elizete Moltzeim.

Pretendes entrar na posse
Da Vida Superior...
O caminho mais seguro:
Mais serviço, mais amor.
Queres alívio, sossêgo,
No coração sofredor...
A providência primeira:
Mais serviço, mais amor.
Desejas libertação
De mágia, pena, temor...
O recurso que não falha:
Mais serviço, mais amor.
Desejas felicidade,
Resposta a sonhos em flor...
A receita da alegria:
Mais serviço, mais amor.
Anselas curar feridas
De incompreensão, amargor...
O grande medicamento:
Mais serviço, mais amor.
Sonhas a paz restaurada
De afetos a recompor...
A base do entendimento:
Mais serviço, mais amor.
Solicitas do destino,
Saúde, amparo, vigor...
O programa necessário:
Mais serviço, mais amor.
Rogas roteiro adequado
Para encontrar o Senhor...
O ensino claro da vida:
Mais serviço, mais amor.

CASIMIRO CUNHA

(Versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier).

Jesus em Nós

Contempla o quadro sublime da natureza, ante o sol da manhã.

Tudo brilha ao clarão do céu.

Aqui, a lama reflete cintilações, além, o grão de areia assemelha-se a pequeno diamante perdido, e a poeira esparsa lembra filigranas de luz.

Assim, também, no grande mundo de nossa alma, quando Jesus encontra meios de fulgurar em nós, tudo é amor e criação, alegria e serenidade. Envolvidas em seus divinos raios, a tristeza ou a dor, a necessidade ou a luta representam sagrações estímulos à caminhada de ascensão.

Não empanes a glória do astro vivo da fé com a sombra do desânimo ou da indiferença.

Abre as janelas do Ideal à Bênção do Senhor.

Deixa que o pensamento santificante do Mestre te invada o campo íntimo e ouvirás, em ti mesmo, o cântico da paz e do bom ânimo em perene ressurreição.

A existência é o resultado de nossos desejos.

O destino responde às nossas aspirações.

A Graça de Deus vibra em toda parte. E' imprescindível, porém, sabermos dilatar a própria visão, de modo a não perder-lhe o favor e o ensinamento.

Cansaço e amargura são ilusões.

Dissabores e desencantos são simples experiências.

Brilhe o sol de Jesus em nossa alma, e tudo será dentro de nós entusiasmo de fazer o bem, alegria de viver e privilégio de servir, em plena juvenlidade espiritual para a Vida Eterna.

Agar

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).



ÉS MESTRE DE ISRAEL E IGNORAS ISTO?

PAULO ALVES DE GODOY

«Não te maravilhes de ter dito: necessário vos é renascer de novo.

O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz: mas não sabes donde vem, nem para onde vai, assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso?

Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és Mestre de Israel e não sabes isto? (João, 3:7-10)

O velho Nicodemos, fariseu e principal entre os judeus, tomou conhecimento das pregações que Jesus Cristo fazia em sua cidade e entusiasmou-se com algumas idéias novas contidas na Revelação.

Uma velha dúvida dormitava em sua alma: «Como é possível o renascimento de um espírito em novo corpo?», por isso, deliberou procurar o Messias para que ele lhe dirimisse aquela dúvida.

O prestígio de Nicodemos entre os fariseus era grande, e isso fez com que repelisse a idéia de procurar o Mestre durante o dia, quando na companhia dos apóstolos, ou no seio do povo. Não conseguindo sopitar a ânsia de que o seu espírito estava possuído, de penetrar no âmago do dogma da Ressurreição, esposado pelos judeus, resolveu procurar o Senhor altas horas da noite.

Ali chegando, saudou-o: «Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não fôr com êle.» Em seguida, ao travar-se um diálogo entre ambos, o velho fariseu sondou Jesus em torno da dúvida que se aninhara em seu espírito.

O Messias explicou-lhe então que, «quem não renascesse da água (a água, entre os judeus, era sinônimo de matéria, de corpo) e do Espírito, não poderia entrar no reino dos Céus.» Quem não renascesse em Espírito, em novos corpos, aprimorando-se através da aquisição de virtudes santificantes, no desenrolar das vidas sucessivas, jamais poderia enquadrar-se nas normas exigidas para a integração e vivência no estado consciencial conhecido por Reino dos Céus.

Mas, o velho fariseu não compreendeu o ensinamento e rearguiu: «Como é possível um homem, sendo já velho, nascer de novo como criança?», ao que Jesus retrucou: «Tu és Mestre de Israel e não sabes isto?»

Os Mestres de Israel, os chamados Doutores da Lei, ou Escribas, quando do advento de Jesus, fizeram causa comum com os fariseus, e, com êles se tornaram os mais acirrados inimigos da Nova Revelação, pois, não podiam conciliar a idéia de um humilde filho de carpinteiro falar-lhes das coisas de Deus com conhecimento de causa e discorrer em torno das leis religiosas, que passaram a ser analisadas sob um novo prisma.

Nicodemos não estava preparado para entender Jesus, assim como também não o estava a maioria dos seus contemporâneos, principalmente os participantes da casta privilegiada dos fariseus. Jesus veio revelar uma Doutrina aos pequeninos da Terra, o que levou-o, numa explosão incoerente de júbilo, a exclamar: «Graças te dou ó Pai, por terdes revelado estas maravilhas aos pequeninos da Terra, e as ocultado aos grandes e potentados.» A maior parte dos grandes e potentados não estava preparada para assimilar aqueles ensinamentos ou perceber o sentido verdadeiro da missão desenvolvida pelo Mestre Nazareno, e Nicodemos estava entre êles.

—oOo—

A exemplo do que sucedia naqueles tempos, existem na Terra muitos Nicodemos, que não percebem a luz da verdade, tornando-se autênticos cegos que não querem ver, ou surdos que não querem ouvir. Muitos dos que se arrogam ao título de Mestre, e que gostam «de ocuparem os primeiros lugares a serem saudados em praça pública», segundo o dizer judicioso dos Evangelhos, preferem manter-se recalcitrantes na observância de vãs tradições, defendendo velhos dogmas religiosos, refutando verdades novas que

SR. AGENTE: Queira devolver êste jornal à Caixa 3.946 — São Paulo, não sendo encontrado o destinatário.

PORTE PAGO
E. C. T. - D. R. - S. P.

Como Amar a Deus

Eusínio Lavigne

Não há fórmula mais sintética para se ter idéia da doutrina cristã, e, ao mesmo tempo, mais profunda, do que o supremo mandamento ensinado por Jesus: «amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos». Nela se contém a moral filosófica que resolve o problema da felicidade. Mas, sem o conhecimento dos princípios essenciais do Espiritismo, não podemos decifrar aquela fórmula.

Ama-se a Deus, desejando e praticando o bem. Não basta o simples desejo. É preciso efetivá-lo com obras. Se o indivíduo estiver impossibilitado de praticá-lo, converte o desejo em prece, que, por vezes, produz também obras, se houver autoridade moral no suplicante e merecimento no suplicado.

Para que haja autoridade moral, mister se faz que a alma se expunja dos vícios do egoísmo, inveja, vaidade, concupiscência, ambição, intolerância, malícia maldosa, orgulho. Ser, enfim, humilde, no sentido evangélico da palavra.

Se o suplicado não receber o benefício, é porque houve uma causa. Ela assenta, em primeiro lugar, na nossa inferioridade, em face da qual nascemos na Terra, planeta de expiação e sofrimento de nossas culpas, da presente ou de anteriores encarnações. A resignação se impõe ao sofredor.

Que obras o cristão deve prestar ao próximo? O próximo é o homem ou a sociedade. A melhor obra é aquela que educa o povo física, moral e intelectualmente. Ela se resume na luta — por ações ou por prece — pela vitória da justiça social, porque abrange a felicidade de todos. Extinguindo a miséria e a pobreza aniquilante e instruindo o povo com as luzes da Ciência e com a filosofia da fraternidade, o planeta deixará de ser mundo atrasado para se transformar em mundo superior.

Então, predominará a Paz, assegurada pela supremacia da técnica científica em todos os trabalhos humanos. E o homem ficará na posse de sua liberdade, econômica, moral e intelectual, e conhecedor do seu destino, como ser imortal. A consecução dessa vitória cabe ao trabalho produtivo da humanidade, inspirada na filosofia de Jesus.

Como sentenciou Allan Kardec: «Não será o Espiritismo que fará as instituições do mundo regenerado; os homens é que as farão, sob o im-

pério das idéias de justiça e solidariedade, melhor compreendidas graças ao Espiritismo (Obras póstumas, 9.a Ed., pág. 209).

Nestas condições, não existe fórmula mais exata para amar a Deus do que a luta pelo triunfo completo da instauração de uma justiça social, calcada em sistema sócio-político-econômico, que elimine a miséria e implante uma educação renovadora da inteligência. Só assim haverá paz. E só num ambiente de paz poderá o homem cultivar as suas relações com o mundo dos espíritos. A consciência da nossa imortalidade dominará a civilização. Será o reino da civilização cristã.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espiritistas do Estado de São Paulo — USE
Telefone 52-6273 — São Paulo ? 3 —

ASSINATURA ANUAL

Brasil NCR\$ 3,20
Exterior NCR\$ 3,80
Número avulso NCR\$ 0,20

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da USE e entidades adegas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Composto e Impresso na GRÁFICA EDITORA LINOTYPE — Rua Mem de Sá, 172 - Telefone: 32-4348 - S. Paulo

O ensino dos Espíritos e a moral do Cristo

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o reconhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Sómente quando praticarem a moral do Cristo, poderão os homens dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, também, Deus, então, já não lhes enviará. (A Gênese),

surgem de todos os quadrantes, mesmo que venham do Alto, oriunda dos nossos maiores da Espiritualidade.

Por isso, afirmou o Mestre enfático, diante da ignorância que Nicodemos demonstrava em torno da Lei da Reencarnação.

«Se vós falei das coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vós falar das celestiais?».